

DOMINGO XXXII C TEMPO COMUM

SEMANA DOS SEMINÁRIOS



NÃO TE ENVERGONHES  
DE ESCOLHAS  
COM SABOR DE ETERNIDADE!



Abraça o presente  
PARÓQUIA DE NOSSA  
SENHORA DA HORA

batizados por um caminho bonito | 2022-2023

## RITOS INICIAIS

### Procissão de entrada | Cântico de Entrada | Saudação Inicial | Monição Inicial

**P.** Deus Pai, que nos amou e nos deu, pela sua graça, eterna consolação e feliz esperança, conforte os vossos corações e esteja sempre convosco!

#### Monição Inicial

**P.** Novembro traz consigo o problema da morte e, com ela, as grandes questões da vida. E a Liturgia da Palavra projeta hoje sobre nós a luz e a esperança da ressurreição, que celebramos em cada domingo, em cada Eucaristia! Concluimos hoje a Semana de Oração pelos Seminários, pedindo ao Senhor que não falte, à Igreja e ao mundo, o testemunho de vida dos padres, cuja escolha com sabor da eternidade é já um sinal da vida nova da Ressurreição. Confiemo-nos ao Deus dos vivos, que tem a nossa vida em Suas mãos misericordiosas:

#### Kyrie

**P.** Senhor, Deus fiel, que nos livrais dos homens perversos e maus, tende piedade de nós!

**R.** Senhor, tende piedade de nós!

**P.** Cristo, Rei do Universo, que dirigis os nossos corações para que amem a Deus Pai e Vos aguardem com esperança, tende piedade de nós!

**R.** Cristo, tende piedade de nós!

**P-** Senhor, que nos dais firmeza e nos guardais do Maligno, tende piedade de nós!

**R.** Senhor, tende piedade de nós!

#### Hino do Glória (rezado) | Oração Coleta

**LITURGIA DA PALAVRA – Leitura integral dos textos. Evangelho: forma breve**

## Nas Missas com Catequese – leituras e homilia na forma breve

### 1.ª leitura – forma breve

#### **Leitura do Segundo Livro dos Macabeus**

Naqueles dias,

foram presos sete irmãos, juntamente com a mãe.

Um deles tomou a palavra em nome de todos

e falou assim ao rei:

«Que pretendes perguntar e saber de nós?

Estamos prontos para morrer,

antes que violar a lei de nossos pais».

Quando o último dos sete

estava para morrer, falou assim:

«Vale a pena morreremos às mãos dos homens,

quando temos a esperança em Deus

de que Ele nos ressuscitará;

mas tu, ó rei, não ressuscitarás para a vida».

Palavra do Senhor.

**R.** Graças a Deus.

**Salmo Responsorial: SI 16(17) - primeira e última estrofes**

2.ª leitura – forma breve

**Leitura da segunda Epístola do apóstolo São Paulo aos Tessalonicenses**

Irmãos:

Jesus Cristo, nosso Senhor,  
e Deus, nosso Pai,  
que nos amou e nos deu, pela sua graça,  
eterna consolação e feliz esperança,  
confortem os vossos corações  
e os tornem firmes  
em toda a espécie de boas obras e palavras.

O Senhor dirija os vossos corações,  
para que amem a Deus  
e aguardem a Cristo com perseverança.

Palavra do Senhor.

**R.** Graças a Deus.

**Aclamação ao Evangelho: Aleluia.**

**Evangelho – forma breve em todas as missas**

## HOMILIA BREVE NO XXXII DOMINGO COMUM C 2022 \*

Nos últimos dias (da Solenidade de Todos os Santos e da Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos) e também hoje, nesta reta final do ano litúrgico, os textos da Liturgia testemunham-nos a beleza da fé e da esperança na Ressurreição.

Mais belo ainda é que este testemunho de fé e de esperança na ressurreição seja dado por sete jovens corajosos, jovens radicais, que não se envergonham da sua fé, da sua cultura, da sua pátria. Eles mostram que *mais vale morrer do que perder a vida para sempre*. Eles testemunham a confiança de que Deus não deixará morrer para sempre aqueles que por Ele dão a vida.

Estes jovens hebreus podem inspirar os nossos jovens, neste caminho para a JMJ, ou não fosse Cristo vivo e ressuscitado a nossa maior esperança e a mais formosa juventude deste mundo.

Onde houver jovens, com esta ousadia, hão de despertar vocações radicais, vocações sacerdotais, pessoas capazes de arriscar a vida toda pela vida plena, pessoas capazes de tomar decisões com sabor de eternidade.

Queridos irmãos e irmãs, queridas crianças, adolescentes e jovens: deixai ressoar nos vossos corações e anunciai a todos a mensagem urgente e essencial, que está inscrita no belo refrão do Hino da JMJ: *“Jesus vive e não nos deixa sós; não mais deixaremos de amar”*.

*\* Uma vez que, antes do ofertório, se farão algumas considerações sobre a situação financeira da Paróquia e sobre as obras na Igreja, a Homilia será mais breve e o Credo será dialogado, segundo a fórmula batismal.*

## HOMILIA NO XXXII DOMINGO COMUM C 2022

1. *“Não te envergonhes de dar testemunho de Cristo”* (2 Tm 1, 8)! Este é o tema da Semana de Oração pelos Seminários, que estamos a concluir. O desafio será ainda mais difícil de assumir – creio eu – por parte dos mais novos, das crianças, dos adolescentes e jovens, filhos da cultura do bem-estar, do efémero, sem lugar para as questões essenciais da vida, da morte e da ressurreição. Bastaria perguntar aos mais novos, *se e como* comemoraram o Halloween, *se e como* viveram a celebração de Todos os Santos, *se e como* participaram na comemoração de todos os fiéis defuntos?! Não será difícil perceber que o culto pagão da fealdade, promovido na noite do dia 31, ganhou, com grande vantagem, à celebração da beleza da santidade no 1.º dia de novembro e no dia seguinte de fiéis defuntos! Não é fácil para os mais novos, como para a maioria dos cristãos, dar hoje testemunho de Cristo Ressuscitado, no seio de uma cultura que silencia e esconde a morte e que troca a sua fé na ressurreição pelo mito da eterna juventude. Por isso, nos soube tão bem ouvir, na 1.ª leitura, o testemunho daqueles sete jovens hebreus, que preferiram morrer torturados pelos colonizadores gregos a negar a sua fé, a trair a sua pátria ou a renegar a sua cultura. Para eles, antes morrer que perder a vida para sempre. Eles acreditam num Deus que não pode deixar morrer para sempre os que por Ele dão a vida!

2. Na receção entusiasta dos símbolos da JMJ, os nossos jovens abraçaram a cruz, carregaram o ícone de Maria e cantaram mil vezes *“Jesus vive e não nos deixa sós. Não mais deixaremos de amar”*. Devemos continuar a gritar nas praças e a partir dos terraços, esta Boa Nova: *“Porque Jesus vive, não se morre mais! Porque Ele vive, a morte – como desfecho, como última palavra, como ponto final na vida – essa morte morreu. Porque Ele vive, a nossa Vida caminha para uma plenitude e não para um vazio, para um abraço amoroso e não para um abismo de solidão. Porque Ele vive este nosso corpo mortal não caminha para a diluição ou para destruição, para a fusão*

ou confusão entre os elementos da Natureza, mas caminha para a sua plena transformação gloriosa em Cristo. Porque Ele vive a nossa vida vale a pena e a morte é a nossa Páscoa definitiva. Porque Ele vive a vida eterna faz nova a vida presente”. Este anúncio vital de que “Jesus vive e não nos deixa sós, não mais deixaremos de amar” responde, no fundo, às perguntas dos saduceus sobre a ressurreição.

3. Irmãos e irmãs: ao concluirmos esta Semana de Oração pelos Seminários, coincidente com a celebração da nossa esperança cristã, deixemo-nos interrogar: *Não será a troca do anúncio feliz da ressurreição pela simples promessa de uma vida melhor, uma das causas do desinteresse dos jovens pela Igreja e por uma vida cristã mais radical? Na verdade, se é só para a vida presente que temos posta em Cristo a nossa esperança, por que haveríamos de dar a vida toda por Ele? Se não se vive mais a vida sob o largo horizonte da eternidade, por que gastar a vida inteira pelo Reino de Deus? Se não se espera mais aquela vida da ressurreição, em que os filhos de Deus já «não se casam nem se dão em casamento» que sentido terá o celibato, como sinal antecipado dessa vida nova? Isto levar-nos-ia a outras perguntas fundamentais: a chamada «crise de vocações sacerdotais» e de outras entregas radicais na Igreja, não será sintoma da fé morta dos vivos, da sua falta de esperança na Ressurreição? Como poderá ser evangelicamente atraente a vida do padre, fora desta dimensão da eternidade? Se nos falta esta grande esperança da Ressurreição, como esperar que alguém faça escolhas definitivas de uma vida com sabor de eternidade?*

4. Neste caminho apressado para a JMJ não iludamos os jovens com promessas imediatas, coisas passageiras. Os seus desejos de felicidade apontam para muito mais do que uma vida boa ou uma boa vida. Sejam eles, os jovens, a lembrar-nos a beleza da esperança em Cristo vivo, que move a nossa vida, pelo Seu amor, sempre mais forte do que a morte. Jovens: deixai ressoar nos vossos corações e anunciai a todos a mensagem que está inscrita no refrão do Hino da JMJ: “Jesus vive e não nos deixa sós; não mais deixaremos de amar”.

## **Credo – Profissão de fé**

**P.** Irmãos e irmãs: a ressurreição é o fundamento da fé e da esperança cristã! Se não houvesse a referência ao Paraíso e à vida eterna, o cristianismo reduzir-se-ia a uma ética, a uma filosofia de vida. Acreditar na ressurreição é essencial para que cada um dos nossos atos de amor cristão não seja efêmero nem um fim em si mesmo, mas se torne uma semente destinada a desabrochar no jardim de Deus e produzir frutos de vida eterna. Por isso,

**Iremos (acender 12 velas), professar, em 12 frases, o que realmente queremos dizer, com a nossa fé na ressurreição.**

*Nota: Estas 12 afirmações de fé podem ser proclamadas por dois leitores alternadamente ou, na hipótese ideal, por 12 pessoas diferentes, na condição de fazerem uma leitura convicta, audível e compreensível. Se não houver leitores capazes, é melhor que o presidente enuncie as afirmações e 12 fiéis simplesmente acendam as velas e/ou professem a sua fé através de uma aclamação cantada.*

*Também sugerimos que, em vez de se acenderem as 12 velas por cada afirmação, ou além desse gesto, poderá fazer-se a leitura intercalando, de 4 em 4 afirmações, este ou outro cântico: «Esta é a nossa fé. Esta é a fé da Igreja, que nos gloriamos de professar em Jesus Cristo, Nosso Senhor» ...*

*Outra sugestão é que cada vela tenha gravada uma das 12 letras da palavra “R.E.S.S.U.R.R.E.I.Ç.Ã.O”. O efeito das velas, sobre o altar, seria interessante.*

### **Forma mais breve dos 12 artigos sobre a Ressurreição**

1. Creio que, pelo meu Batismo, morro e ressuscito com Cristo!
2. Creio viver, um dia, em pleno, as coisas mais belas da vida de cada dia!
3. Creio que a história da minha vida se orienta para uma finalização feliz!

4. Creio no amor de Deus, mais forte do que a nossa morte!
5. Creio que, ao partir, não é a morte que me vem buscar, mas é Deus que me vem chamar a Si!
6. Creio que não morrerei para sempre, mas entrarei na Vida verdadeira!
7. Creio que, morrendo com Cristo, com Ele viverei, para sempre.
8. Creio que esta vida não acaba, apenas se transforma!
9. Creio que os limites do meu corpo frágil serão vencidos pelo amor divino.
10. Creio que, na ressurreição, serei inteiramente “eu” e inteiramente “outro”!
11. Creio na ressurreição, que é vida nova e não mera repetição!
12. Creio na ressurreição, sem a qual a minha fé seria em vão!

#### **Ou forma mais longa dos 12 artigos sobre a Ressurreição**

1. [R] Creio na ressurreição oferecida aos que morrem em Cristo e na ressurreição dos que vivem em Cristo. Unido/a a Cristo pelo Batismo, sou, já neste mundo, participante da vida nova de Cristo ressuscitado!
2. [E] Creio que esta vida bela, boa e feliz, que me é dada, neste mundo, em momentos de grande alegria, será uma vida plena, uma felicidade sem dor e sem fim, quando Deus for tudo em mim!
3. [S] Creio que a minha vida está sempre em transformação. E que a morte me libertará dos limites do meu corpo frágil, para alcançar, em plenitude, a gloriosa liberdade dos filhos de Deus!
4. [S] Creio que os limites do meu corpo frágil serão superados pela força da ressurreição de Cristo. E que este corpo, pelo qual eu sou, será imagem transparente do amor divino que me habita ainda antes da minha concepção!  
[Cântico]
5. [U] Creio que o meu futuro não é ser fundido/a com a terra ou diluído/a no mar. Não será o vento sequer que me há de levar. É na vida recebida por Deus, que todo o meu ser se há de manifestar!

6. [R] Creio que esta vida não acaba, apenas se transforma, como o *“grão de trigo, que, uma vez lançado à terra, tem de morrer, para frutificar”* (cf. Jo 12,23-24)! Tem de ser consumido, para se consumir!
  7. [R] Creio que a história da minha vida se orienta para uma finalização feliz e que nada de mim se perderá diante de Deus! Ele recolherá todas as lágrimas e nenhum sorriso Lhe escapará!
  8. [E] Creio no amor de Deus, sempre mais forte do que a morte, porque só o amor está chamado a viver para sempre! E o amor de Deus, em mim e por mim, nunca acabará.
- [Cântico]
9. [I] Creio que, um dia, ao partir deste mundo, não será a morte que me virá buscar, será Deus que me virá chamar a Si, para d’Ele receber a vida prometida e nunca falhada, a vida nunca terminada, a vida sem ocaso, plenamente alcançada!
  10. [Ç] Creio que na ressurreição, serei inteiramente “eu”, sem me confundir com nada, nem com ninguém! E que serei inteiramente “outro”, uma nova criatura, numa vida nova, num mundo mais além!
  11. [Ã] Creio na ressurreição, que é vida nova e futura, e não mera repetição do passado, nem prolongamento do presente! É vida nova, de um mundo novo que há de vir, oferecido e regido por Deus!
  12. [O] Creio na ressurreição de Cristo e na ressurreição dos mortos, sem a qual a minha fé seria em vão! Creio que, morrendo com Cristo, com Ele viverei, para sempre!

[Cântico]

## Oração dos Fiéis | Esquema 1

**P.** Ao Deus dos vivos, em quem pomos toda a nossa esperança, confiemos as preces do seu povo sacerdotal, dizendo:

### **R. Senhor, dá-nos mensageiros e testemunhas do teu amor!**

1. Pela Santa Igreja: para que anuncie a todos os homens que Cristo vive e a todos nos quer vivos. Invoquemos. **R.**
2. Pelos que governam: para que respeitem a dignidade da pessoa humana e a sua liberdade religiosa. Invoquemos. **R.**
3. Pelos jovens: para que tenham a coragem de enfrentar as questões da vida e da morte, testemunhando a fé e a feliz esperança da ressurreição. Invoquemos. **R.**
4. Por aqueles a quem Deus chama ao ministério sacerdotal: para que não Se envergonhem de dar testemunho de Cristo e encontrem bons guias e companheiros de viagem no seu caminho vocacional. Invoquemos. **R.**
5. Por todos nós: para que não tenhamos medo nem vergonha de procurar Jesus e de O deixar entrar em nossa casa, para O testemunhar no meio do nosso mundo. Invoquemos. **R.**

**P.** Recompensa, ó Pai de bondade, os nossos benfeitores e acolhe no teu seio os que partiram antes de nós e dormem o sono da Paz. Por Cristo, nosso Senhor.

**R.** Ámen!

## **Oração dos fiéis** | Esquema 2: a partir da Oração proposta para a Semana dos Seminários

**P.** Oremos com toda a confiança ao Pai celeste, pela Igreja e pelas necessidades de toda a humanidade, pelos que governam o mundo, pelos que sofrem por dar testemunho de Cristo. Mas hoje rezemos especialmente pelos nossos Seminários. Invoquemos o Pai, por meio do Seu Filho, o Senhor Jesus que um dia chamou os primeiros discípulos e fez deles pescadores de homens, dizendo a cada prece:

**R. Senhor, dá-nos mensageiros e testemunhas do teu amor!**

**Leitor 1:** Senhor, continua hoje a fazer ressoar nas comunidades, nas famílias e no coração dos jovens o teu sublime convite: “Vem e segue-Me”. Nós Te pedimos: **R.**

**Leitor 2:** Senhor, faz com que sejam muitos aqueles que prontamente respondem ao Teu chamamento à vida sacerdotal e nunca se envergonhem de dar testemunho de Ti. Nós Te pedimos: **R.**

**P.** Senhor Jesus, rogamos-Te pelos nossos seminários e pelos seminaristas, que ali amadurecem a sua vocação:

**Leitor 1:** Senhor, dá-lhes um coração generoso e forte e concede-lhes o ardente desejo de se entregarem ao serviço de Deus e dos homens. Nós Te pedimos: **R.**

**Leitor 2:** Ampara os seminaristas e sacerdotes nos momentos de prova e cansaço para que nunca se envergonhem de dar testemunho de Ti! Nós Te pedimos: **R.**

**P.** Senhor Jesus, guia os formadores dos nossos seminários com os dons do Teu Espírito de sabedoria e de santidade:

**Leitor 1:** Senhor, que os educadores dos nossos Seminários, com a sua presença amiga, sejam bons companheiros de viagem. Nós Te pedimos: **R.**

**Leitor 2:** Senhor, que os educadores dos nossos seminários que sejam mestres segundo o Teu Evangelho e nunca se envergonhem de dar testemunho de Ti! Nós Te pedimos: **R.**

**P.** Virgem Maria, rainha dos apóstolos e mãe dos sacerdotes, acompanha maternalmente os nossos seminaristas:

**Leitor 1:** Para que eles correspondam, sem medo, à vocação que lhes foi doada por Jesus. Pela intercessão de Maria, Tua e nossa mãe, Senhor, nós Te pedimos: **R.**

**Leitor 2:** Para que eles possam pronunciar com alegria e confiança o seu “Eis-me aqui!”, imitando o Teu luminoso exemplo. Pela intercessão de Maria, Tua e nossa mãe, Senhor, nós Te pedimos: **R.**

**P.** Recompensa, ó Pai de bondade, os nossos benfeitores e acolhe no teu seio os que partiram antes de nós e dormem o sono da Paz. Por Cristo, nosso Senhor.

**R.** Ámen!

## **Oração dos fiéis** | Esquema 3: a partir das preces da vigília de oração para a Semana dos Seminários

**P.** Irmãos e irmãs: Reunidos em nome do Senhor, oremos com toda a confiança ao Pai celeste pelas necessidades de toda a humanidade, dizendo:

### **R. Santificai, Senhor, a vossa Igreja!**

1. Pelas Igrejas e instituições da humanidade, tentadas pela rotina dos mesmos gestos, para que descubram os novos sinais que Deus lhes dá, oremos. **R.**
2. Pelos bispos, presbíteros, diáconos e fiéis, enriquecidos em toda a palavra que vem de Cristo, para que vivam a fé em plenitude, oremos. **R.**
3. Pelos homens que se desviam do verdadeiro caminho e pelos que deixam endurecer o coração, para que Deus rasgue os céus e Se lhes revele, oremos. **R.**
4. Pelos jovens da nossa comunidade e por aqueles que se sentem chamados a uma vida de consagração, para que sejam generosos no seu “sim” a Deus e ao próximo, oremos. **R.**
5. Pelos consagrados e consagradas que nós conhecemos e por todos aqueles que deixaram tudo para seguir Jesus, para que sejam verdadeiros amigos de Deus e dos homens, oremos. **R.**
6. Pelos membros da nossa assembleia, para que Deus seja o oleiro que os modela com a sua Palavra e o seu Espírito e nunca se envergonhem de dar testemunho de Cristo, oremos. **R.**

**P.** Recompensa, ó Pai de bondade, os nossos benfeitores e acolhe no teu seio os que partiram antes de nós e dormem o sono da Paz. Por Cristo, nosso Senhor.

**R.** Ámen!

## LITURGIA EUCARÍSTICA

**Apresentação dos dons | Cântico de ofertório | Oração sobre as oblatas | Prefácio Dominical VI | Santo (cantado) | Oração Eucarística III | Ritos da Comunhão: Pai-Nosso | Embolismo | Rito da Paz | Fração do Pão | Cordeiro | Convite para a Comunhão | Cântico e Distribuição da Comunhão | Oração depois da Comunhão**

## RITOS FINAIS

### Agenda pastoral

- Quarta-feira, dia 9, às 21h30, encontro sinodal em jeito de lectio divina: Carta à Igreja de Sardes (Ap 3,1-6).
- Domingo, 13, Dia Mundial dos Pobres. Pensemos num gesto concreto de partilha.
- Domingo, 13, às 15h00, no Auditório de Lavra, Encontro Vicarial de Coros. Partilha de alimentos para as Conferências vicentinas.
- Jovens dos 17 aos 35 anos que pretendem participar na JMJ devem fazer uma pré-inscrição na Paróquia, no grupo “(H)Ora JMJ”. Os adolescentes e crismandos não precisam de fazer esta pré-inscrição.
- Durante o mês de novembro, os fiéis desta comunidade são convidados a fazer uma contribuição mais significativa para as despesas e serviços da mesma. Temos sugerido que esta contribuição ocorra sobretudo nos meses de março e novembro, independentemente de escolherem outro tipo de periodicidade. Aos que já prestam esta contribuição periódica agradecemos e pedimos que, tanto quanto possível, a mantenham ou reforcem.

## **Bênção | Despedida**

**Diácono:** O Senhor dirija os vossos corações para que amem a Deus e aguardem a Cristo com perseverança...

## **Cântico Final**

---

### **Oração de bênção da mesa | XXXII Domingo Comum C 2022 | 6.11.2022**

Deus da Vida,  
para quem todos estão vivos,  
Deus do amor eterno,  
mais forte do que a morte,  
Deus da feliz esperança  
e da eterna consolação:  
abençoa a nossa mesa familiar,  
de peregrinos do Teu Reino,  
para que a alegria do amor  
seja o sinal já presente  
da felicidade eterna  
no Teu banquete celeste.  
Ámen.

**OUTROS TEXTOS  
E HOMILIAS  
XXXII DOMINGO COMUM C**

## Homilia na Festa do Acolhimento | XXXII Domingo Comum C 2022

1. Hoje, acolhemos com especial alegria e com a atenção do nosso coração as crianças, catequistas e pais do 1.º ano da nossa Catequese. Na Eucaristia, somos sempre acolhidos por Jesus. Mas as crianças são acolhidas por Jesus de forma muito especial. Hoje é dia para lhes dizer: “sejam bem-vindos, queridos meninos e meninas, queridos pais, queridas catequistas do 1.º ano”.

2. Estamos a começar um caminho novo que vamos percorrer juntos. Mas sempre todos juntos: pároco, catequistas, crianças, famílias. Vós estais a começar este caminho. Não tenhais medo disso. Eu também estou a começar. O caminho é novo para vós, mas também é novo para mim. Isto ainda nos aproxima mais de Jesus e nosso aproxima mais uns dos outros. Bem-vindos a este caminho novo.

3. Como sinal deste caminhar juntos, para crescermos juntos, com Jesus, é (vai ser) entregue a cada um de vós uma sementinha. A nossa vida começou por ser uma sementinha. E esta sementinha foi crescendo e foi-se transformando. Talvez eu não identificasse nenhum de vós, em alguma foto dos primeiros meses de vida. Sois os mesmos. Mas estais muito diferentes, como é diferente o fruto da sua semente.

4. De algum modo, podíamos dizer que esta «transformação» da semente, lançada a terra, para dar fruto, é uma bonita imagem, para falarmos da Ressurreição. A nossa vida vai-se transformando, a tal ponto que, com a morte, ela torna-se um fruto tão belo, que jamais poderíamos imaginar ao ver a semente. Jesus quis dizer-nos isso, ao falar da nossa ressurreição. A vida nova, o nosso futuro, passa por esta transformação do nosso corpo, como a do grão de trigo lançado à terra, que morre para dar muito fruto!

5. Mas não é só a semente transformada em fruto que nos ajuda a ter esperança no futuro, na ressurreição. As crianças são um sinal de esperança, uma promessa de futuro para nós. Também vós, os mais pequeninos, sois um sinal de que a vida continua, de que a vida tem futuro. Esse futuro já está presente em vós. Por isso, agora o desafio é abraçar este futuro como um presente. O desafio é acolher cada um de vós como um presente de Deus, uma prenda para nós. Por isso, aos pais, eu e os catequistas queremos dizer-vos: “Obrigado, por nos confiarem o futuro dos vossos filhos e os filhos do nosso futuro”. Abracemos o presente. Juntos por um caminho novo.

1. *Morte e ressurreição* não são, em geral, tema de conversa ou matéria de reflexão. Sobre estes temas abateu-se um verdadeiro “apagão”. Preferimos falar dos valores humanos ou das dimensões sociais da nossa fé. Mas temos sérias dificuldades em penetrar no coração da nossa fé cristã e enfrentar o tema nuclear da morte e da ressurreição. A morte tornou-se hoje uma espécie de novo *tabu*, arrumado no baú das *coisas* inúteis ou incómodas, *do antigamente*. A morte tornou-se uma grande bofetada, na nossa ilusão de onipotência. O mundo da aceleração infinita, da rapidez, não permite pausas ou interrupções e, assim, a cultura mundana tenta anestesiá-nos com a ilusão da eterna juventude, do sucesso, do progresso ou do prazer, para esquecer as questões do fim último da vida. Mas, como disse há dias o Papa a um grupo de jovens, “*o esquecimento da morte é também o seu início. Aquele que esquece a morte já começou a morrer. E, por isso, manter aberta a pergunta sobre a morte, talvez seja a maior responsabilidade humana, para manter aberta a pergunta sobre a vida*”. Por contraditório que pareça, é a morte que permite que a vida permaneça viva! Pensemos nisto: é o fim da escrita de uma história que permite que esta seja compreendida; é o fim de uma pintura que oferece a beleza de um quadro; é o fim de uma construção que torna uma casa bela e habitável... Quanto mais fugirmos de enfrentar a morte, como *finalização* e coroação da própria vida, tanto mais se apagará do nosso horizonte de fé a grande esperança da ressurreição!

2. Eis porque até mesmo os saduceus – que negavam a ressurreição – fazem uma pergunta inquietante a Jesus. Propõem o caso anedótico de sete irmãos que, sucessivamente, tomariam por esposa a mesma mulher, para Lhe perguntar: “*De qual destes será ela esposa na ressurreição?*”. Jesus responde que a vida depois da morte não tem os mesmos parâmetros da vida terrena. A vida eterna é uma vida nova, uma vida qualitativamente diferente, “*uma mudança para o andar de cima*”,

uma vida que se projeta noutra dimensão e, por isso, “*os filhos da ressurreição não se casam nem se dão em casamento*”. Por conseguinte, não é esta vida que serve de referência à eternidade, mas é a eternidade que ilumina e confere esperança à nossa vida terrena! Isto não implica o desprezo da vida presente; pelo contrário, a feliz esperança da ressurreição leva-nos a prestar atenção não apenas ao final da nossa história, mas a cada pequeno *fim* da nossa vida quotidiana; leva-nos a cuidar do final de cada palavra, de cada silêncio, de cada gesto de amor, como se fosse a última vez. Só uma vida que é consciente deste instante que termina, pode tornar este instante eterno! Façamos de cada instante um alvorecer da ressurreição!

3. Irmãos e irmãs: este olhar projetado para a ressurreição deve levar-nos a realizar opções que tenham o sabor da eternidade! E, entre essas opções, está a de ser padre, desta forma radical, numa vida em celibato, numa entrega indivisa do coração, imitando e seguindo a Cristo, que afinal também não casou! O Padre, que vive com alegria o seu celibato, é um sinal, para os filhos deste mundo, daquela vida nova em que *os filhos da ressurreição já não se casam nem são dados em casamento*. Com esta escolha, o Padre mostra, como o fizeram de forma tão corajosa aqueles sete irmãos, que só Deus é o Senhor e o Absoluto inviolável da nossa vida, que só Cristo é o nosso Amor perfeito; que só o Espírito do seu Amor nos consola até ao fim. Tudo o resto, mesmo a alegria do amor em família, é absolutamente sacrificável, na perspetiva da vinda do Reino de Deus. Fazem-nos falta os padres, não apenas pelo que fazem, mas sobretudo pelo que são e, mais ainda, pelo incómodo das interrogações com que a sua vida nos interpela a todos: *Porque vivo? Para quem vivo? O que me faz viver? Para quem sou eu* (CV 286)? Na verdade, querido irmão, querida irmã, querido menino, querida menina, querido jovem, querida jovem: “*Quando o Senhor suscita uma vocação não pensa apenas naquilo que tu és, mas em tudo aquilo que poderás chegar a ser*” (CV 289). O Padre é um sinal de que tu podes ir *mais além* e até ao mais Além, até à plenitude da própria vida, no coração de Deus, para quem todos vivem.

## HOMILIA NO XXXII DOMINGO COMUM C 2019 – 2.ª VERSÃO

1. Estamos no outono. A Natureza parece morrer, mas sabemos que há de florir na primavera. A queda das folhas lembra-nos que também a nossa vida é caduca e há de ser lançada como semente à terra, para vir a frutificar. Neste tempo, somos mais frequentemente convocados pela morte de pessoas amigas e familiares, que fizeram parte do nosso caminho. Mas, apesar de tudo isto, e de muitas velas no cemitério, há hoje uma espécie de “*apagão*” à volta das questões do final da vida, da morte e da ressurreição. Vede: trocámos os primeiros dias deste mês, dias de reflexão, dias de Todos os Santos e de Fiéis Defuntos, pelo carnaval do outono, com a festa do Halloween. Como é raro ver-se uma criança ou um jovem a rezar junto de um familiar que morreu ou a participar no seu funeral! A morte deixou de ser caseira, deixou de nos ser familiar. Cada vez mais a morte se torna uma espécie de *tabu*, algo proibido, arrumado no baú das más recordações. Estamos tão iludidos com os progressos das tecnologias, que julgamos não vir a morrer.
2. Ora, pensemos bem: se deixarmos de questionar a morte, acabaremos também por desistir de procurar o sentido da vida. Se deixarmos de enfrentar a morte, escondendo-a ou ignorando-a, acabaremos também por deixar de esperar na Ressurreição. E se deixarmos de colocar no centro da nossa fé a esperança da ressurreição então Cristo só interessará para a vida presente. Em última análise, estamos a dizer que Cristo não ressuscitou. E então é vã a nossa fé. Mas não. Não mesmo.
3. Vede que nem sequer aqueles que diziam *não acreditar na ressurreição*, escapam às grandes perguntas sobre o sentido e o fim da vida e da morte. Na resposta, Jesus é bem claro: **Sim:** há mesmo ressurreição e por isso os filhos de Deus não nascem para morrer, mas morrem para ressuscitar. **Não:** a ressurreição não é um prolongamento do jogo da vida presente. É uma vida

nova, uma vida transformada, como a de uma semente lançada à terra, que morre para frutificar. A vida eterna implica “*uma mudança para o andar de cima*”, projeta-nos noutra dimensão e, por consequência, “*os filhos da ressurreição não se casam nem se dão em casamento*”! Isto são realidades de cá e não do Além.

4. Todavia, esta feliz esperança da ressurreição nunca nos levará a desprezar a vida presente; levar-nos-á antes a cuidar bem de cada palavra, de cada silêncio, de cada gesto de amor, a fazer cada coisa como se fosse a última vez!
5. Irmãos e irmãs: este olhar projetado para a ressurreição deve levar-nos a fazer **escolhas que tenham o sabor da eternidade!** E, entre essas escolhas, está a de ser padre, sem esposa e filhos, imitando e seguindo a Cristo, que afinal também não casou! O Padre é um sinal daquela vida nova em que “*os filhos da ressurreição já não se casam nem são dados em casamento*”. Com esta escolha, o Padre mostra, como o fizeram aqueles sete irmãos, que só Deus é o Senhor e o Absoluto da nossa vida, que só Cristo é o nosso Amor perfeito; que só o Espírito do seu Amor nos consola até ao fim.
6. Fazem-nos falta os padres, não apenas pelo que fazem por nós, mas sobretudo pelo que são e mais ainda pelo incómodo das interrogações com que a sua vida nos interpela a todos: *Porque vivo? Para quem vivo? O que me faz viver? Para quem sou eu* (CV 286)?
7. Na verdade, querido irmão, querida irmã, querido menino, querida menina, querido jovem, querida jovem: “*Quando o Senhor suscita uma vocação não pensa apenas naquilo que tu és, mas em tudo aquilo que poderás chegar a ser*” (CV 289). O Padre é um sinal de que tu podes ir *mais além* e até ao mais Além, podes chegar até à plenitude da própria vida, no coração deste Deus, para quem todos vivem.

## Papa aos jovens - encontro de "Scholas Occurrentes" no México

A pergunta sobre a morte é a pergunta sobre a vida. E manter aberta a pergunta sobre a morte, talvez, seja a maior responsabilidade humana para manter aberta a pergunta sobre a vida. Assim como as palavras nascem do silêncio e terminam ali, permitindo-nos escutar os seus significados, assim é com a vida. Isto pode parecer um pouco paradoxal, mas... é a morte que permite que a vida permaneça viva! É o fim que permite que uma história seja escrita, um quadro pintado, que dois corpos se abracem. Mas cuidado, o fim não está só no final. Talvez devêssemos prestar atenção a cada pequeno fim da vida quotidiana. Não só no final da história, que nunca sabemos quando termina, mas no final de cada palavra, no final de cada silêncio, de cada página que se escreve. Só uma vida que é consciente deste instante que termina, torna este instante eterno.

Por outro lado, a morte lembra-nos a impossibilidade de ser, compreender e englobar tudo. **É uma bofetada na nossa ilusão de onipotência. Ensina-nos na vida a relacionarmo-nos com o mistério. A confiança de pular no vazio e perceber que não caímos, que não afundamos, que desde sempre e para sempre há alguém ali para nos sustentar. Antes e depois do fim.** É o "não saber" desta pergunta o lugar da fragilidade que nos abre à escuta e ao encontro com o outro; é esse surgir da comoção que nos chama a criar; e do sentido que nos une para celebrá-lo.

Finalmente, na pergunta sobre a morte, formam-se desde sempre – através das épocas e das terras – as diferentes comunidades, povos e culturas. As diferentes histórias que lutam em tantos cantos para se manterem vivas, e outras que ainda não nasceram. É por isso que hoje, talvez como nunca, deveríamos abordar esta questão.

O mundo já está configurado, onde tudo está explicado, não há espaço para a pergunta aberta. Isso é verdade? É verdade, mas não é verdade. Esse é o nosso mundo. Foi configurado e não há lugar para a pergunta aberta.

Num mundo que cultua **a autonomia, a autossuficiência e a autorrealização**, parece não haver lugar para o outro. O mundo dos projetos e da aceleração infinita, da rapidez, não permite interrupções, e assim a cultura mundana que escraviza tenta anestesiá-los para esquecer o que significa pararmos no fim.

**Mas o esquecimento da morte é também o seu início, e também, uma cultura que esquece a morte começa a morrer por dentro. Aquele que esquece a morte já começou a morrer.** É por isso que vos agradeço tanto! Porque tivestes a coragem de abrir esta pergunta e de passar pelo corpo as três mortes que nos esvaziam a vida! **A morte de cada instante. A morte do ego. E a morte de um mundo que dá lugar a um novo.**´

Lembrem-se, se a morte não tem a última palavra, é porque na vida aprendemos a morrer pelo outro.

## PAPA FRANCISCO

ANGELUS, 10 de novembro de 2019

A página evangélica de hoje (cf. Lc 20, 27-38) oferece-nos um ensinamento maravilhoso de Jesus sobre a ressurreição dos mortos. Alguns saduceus perguntam a Jesus, os quais não acreditavam na ressurreição e por isso o provocam com uma pergunta insidiosa, ou seja, de quem será esposa depois da Ressurreição a mulher que teve sete maridos sucessivos, todos irmãos entre si, que morreram um após o outro? Jesus não cai na armadilha e responde que os ressuscitados no além «não se casam, sejam homens ou mulheres, porque já não podem morrer: são semelhantes aos anjos e, sendo filhos da ressurreição, são filhos de Deus» (vv. 35-36). É assim que Jesus responde.

Com esta resposta, Jesus convida em primeiro lugar os seus interlocutores - e também nós - a pensar que esta dimensão terrena em que vivemos agora não é a única, mas existe outra, já não sujeita à morte, na qual se manifestará plenamente que somos filhos de Deus. É motivo de grande conforto e esperança escutar esta palavra de Jesus, simples e clara, sobre a vida para além da morte; precisamos dela especialmente no nosso tempo, tão rico em conhecimento do universo, mas tão pobre em sabedoria sobre a vida eterna.

Esta certeza clara de Jesus sobre a Ressurreição baseia-se inteiramente na *fidelidade de Deus*, que é o Deus da vida. De facto, a pergunta dos saduceus esconde uma questão mais profunda: não só de quem será esposa a viúva de sete maridos, mas **de quem será a sua vida**. É uma dúvida que diz respeito ao homem de todos os tempos e também a nós: depois desta peregrinação terrena, o que será da nossa vida? Pertencerá ao nada, à morte?

Jesus responde que a vida **pertence a Deus**, que nos ama e se preocupa muito connosco, a ponto de ligar o seu nome com o nosso: Ele é «o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacob. Ora, Deus não é Deus de mortos, mas de vivos; pois, para Ele, todos estão vivos». (vv. 37-38).

A vida *subsiste onde há vínculo*, comunhão, fraternidade; e é uma vida mais forte do que a morte quando se constrói sobre verdadeiras relações e vínculos de fidelidade.

Pelo contrário, não há vida quando se tem a pretensão de pertencer apenas a si mesmo e de viver como ilhas: nestas atitudes prevalece a morte. É egoísmo. Se eu viver para mim, estou a semear a morte no meu coração.

Que a Virgem Maria nos ajude a viver cada dia na perspetiva do que recitamos na parte final do Credo: "*Creio... na ressurreição da carne e na vida eterna*». Esperar o além.

## Papa Francisco, *Angelus*, 6.11.2016

À distância de poucos dias da solenidade de Todos os Santos e da Comemoração dos fiéis defuntos, a Liturgia deste domingo convida-nos ainda a refletir sobre o mistério da ressurreição dos mortos. O Evangelho de Lucas (cf. 20, 27-38) apresenta-nos Jesus que se confronta com alguns saduceus, os quais não acreditavam na ressurreição e concebiam a relação com Deus só na dimensão da vida terrena. E por conseguinte, para ridicularizar a ressurreição e pôr Jesus em dificuldade, submeteram-lhe um caso paradoxal e absurdo: uma mulher que tivera sete maridos, todos irmãos, os quais morreram um depois do outro. Eis então a pergunta maliciosa dirigida a Jesus: aquela mulher, na ressurreição, de quem será esposa? (v. 33)?

Jesus não cai na cilada e reafirma a verdade da ressurreição, explicando que a existência depois da morte será diversa da terrena. Ele faz compreender aos seus interlocutores que não é possível aplicar as categorias deste mundo às realidades que vão além e são maiores daquilo que vemos nesta vida. Com efeito diz: «Os filhos deste mundo casam-se e dão-se em casamento, mas as pessoas que merecem alcançar a ressurreição e a vida futura nem hão de casar, nem ser dados em casamento» (vv. 34-35). Com estas palavras, Jesus pretende explicar que neste mundo vivemos de realidades provisórias, que acabam; ao contrário no além, depois da ressurreição, já não teremos a morte como horizonte e viveremos tudo, também os vínculos humanos, na dimensão de Deus, de modo transfigurado. Inclusive o matrimónio, sinal e instrumento do amor de Deus neste mundo, resplandecerá transformado em plena luz na comunhão gloriosa dos santos no Paraíso.

Os «filhos do céu e da ressurreição» não são poucos privilegiados, mas são todos os homens e todas as mulheres, porque a salvação que Jesus trouxe é para cada

um de nós. E a vida dos ressuscitados será semelhante à dos anjos (cf. v. 36), ou seja, toda imersa na luz de Deus, toda dedicada ao seu louvor, numa eternidade cheia de júbilo e de paz.

Mas atenção! A ressurreição não é só o facto de ressuscitar depois da morte, mas é um novo género de vida que já experimentamos no hoje; é a vitória sobre o nada que já podemos antegozar.

A ressurreição é o fundamento da fé e da esperança cristã! Se não houvesse a referência ao Paraíso e à vida eterna, o cristianismo reduzir-se-ia a uma ética, a uma filosofia de vida.

Ao contrário, a mensagem da fé cristã vem do céu, é revelada por Deus e vai além deste mundo.

Acreditar na ressurreição é essencial, para que cada um dos nossos atos de amor cristão não seja efémero nem um fim em si mesmo, mas se torne uma semente destinada a desabrochar no jardim de Deus, e produzir frutos de vida eterna.

## Papa Francisco, *Angelus*, 10.11.2013

O Evangelho deste domingo apresenta-nos Jesus que fala com os saduceus, os quais negavam a ressurreição. E é precisamente sobre este tema que eles dirigem uma pergunta a Jesus, para o pôr em dificuldade e para ridicularizar a fé na ressurreição dos mortos. Propõem um caso imaginário: «Uma mulher teve sete maridos, que morreram um depois do outro», e perguntam a Jesus: «De quem será esposa aquela mulher, depois da sua morte?».

Sempre manso e paciente, Jesus primeiro responde que a vida depois da morte não tem os mesmos parâmetros da vida terrena. A vida eterna é uma vida diferente, noutra dimensão na qual, de resto, já não haverá o matrimónio, que está ligado à nossa existência neste mundo. Os ressuscitados — diz Jesus — serão como anjos e viverão numa condição diferente, que agora não podemos experimentar nem sequer imaginar. Assim explica Jesus.

Mas depois Jesus, por assim dizer, passa ao contra-ataque. E fá-lo citando a Sagrada Escritura, com uma simplicidade e originalidade que nos deixam repletos de admiração pelo nosso Mestre, o único Mestre! Jesus encontra a prova da ressurreição no episódio de Moisés e na sarça ardente (cf. Ex 3, 1-6), onde Deus se revela como o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob. O nome de Deus está ligado ao nome dos homens e das mulheres com que Ele se une, e este vínculo é mais forte do que a morte. Quanto a nós, também acerca da relação de Deus connosco, com cada um de nós, podemos dizer: Ele é o nosso Deus! Ele é o Deus de cada um de nós! Como se Ele tivesse o nosso nome. Ele gosta de o dizer, e esta é a aliança. Eis por que motivo Jesus afirma: «Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos, pois todos vivem para Ele» (Lc 20, 38). E este é o vínculo decisivo, a aliança fundamental, a aliança com Jesus: Ele mesmo é a Aliança, Ele mesmo é a Vida e a Ressurreição, porque com o seu amor crucificado Ele venceu a morte. Em Jesus,

Deus doa-nos a vida eterna, concede-a a todos, e graças a Ele todos têm a esperança de uma vida ainda mais verdadeira do que esta. A vida que Deus nos prepara não é um simples embelezamento desta actual: ela supera a nossa imaginação, porque Deus nos surpreende continuamente com o seu amor e com a sua misericórdia. Por conseguinte, o que acontecerá é precisamente o contrário daquilo que esperavam os saduceus. Não é esta vida que serve de referência para a eternidade, para a outra vida, para a vida que nos espera, mas é a eternidade — aquela vida — que ilumina e confere esperança à vida terrena de cada um de nós! Se virmos somente com olhos humanos, seremos levados a dizer que o caminho do homem vai da vida para a morte. Isto é visível! Mas só é assim se virmos com olhos humanos. Jesus inverte esta perspectiva e afirma que a nossa peregrinação vai da morte para a vida: a vida plena! Nós estamos a caminho, em peregrinação rumo à vida plena, e é esta vida plena que ilumina o nosso caminho! Por conseguinte, a morte está atrás, no passado, não diante de nós. À nossa frente está o Deus dos vivos, o Deus da aliança, o Deus que traz o meu nome, o nosso nome, como Ele mesmo disse: «Eu sou o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob», também é o Deus que traz o meu nome, o teu nome, o nome de cada um..., o nosso nome. O Deus dos vivos! [...] À nossa frente está a derrota definitiva do pecado e da morte, o início de um novo tempo de alegria e de luz sem fim. Mas já nesta terra, na oração, nos Sacramentos e na fraternidade, nós encontramos Jesus e o seu amor, e deste modo podemos antegozar algo da vida ressuscitada. A experiência que vivemos do seu amor e da sua fidelidade faz arder como um fogo no nosso coração, aumentando a nossa fé na ressurreição. Com efeito, se Deus é fiel e ama, não pode sê-lo a tempo limitado: a fidelidade é eterna, não pode mudar. O amor de Deus é eterno, não pode mudar! Não é a tempo limitado: é para sempre! É para ir em frente! Ele é fiel para sempre e espera-nos, espera cada um de nós, acompanha cada um de nós com esta fidelidade eterna.

## HOMILIA NO XXXII DOMINGO COMUM C 2013

1. **“Creio na ressurreição da carne!”** Dito assim, e sem mais, este artigo essencial do nosso Credo, corre o risco de nos provocar uma espécie de alergia doutrinal! E não seria, aliás, a primeira vez, que a ressurreição da carne era posta a ridículo, como bem o percebemos, no evangelho de hoje, com a famosa anedota, contada por um grupo de saduceus.

2. Jesus sabia bem que a lei antiga de Moisés, que obrigava o irmão vivo a ocupar o lugar do morto, representava apenas uma pequena esperança de alguém vir a perpetuar a sua vida, na vida dos seus descendentes. Na resposta aos saduceus, Jesus faz-nos entender que não se pode mais pensar o futuro, como se fosse um regresso ao passado e que, tampouco, se deverá projetar a eternidade, como um mero prolongamento do jogo da vida presente. O Deus de Jesus Cristo é «o Deus de Abraão, de Isaac, de Jacob», é um Deus que nos pertence e a quem pertencemos, é um Deus “amigo da vida”, que se mantém fiel aos seus amigos. Na morte, Deus chama-nos a si, não para nos tirar a vida, mas para nos tornar, definitiva e inteiramente, seus filhos. Este Deus, que Jesus nos revela, não é, pois, Alguém que vá perdendo os seus filhos e que viva, por toda a eternidade, rodeado de mortos, porque “para Ele todos vivem”! A esperança nova, que Cristo nos augura e inaugura, é a ressurreição, isto é, a transformação radical da nossa vida humana, na sua novidade absoluta; é a possibilidade da vida de cada pessoa atingir o seu máximo e o seu melhor; é a meta de uma vida plenamente realizada, em toda a sua grandeza e beleza!

3. Mas falemos então da “carne”, a propósito de ressurreição! Não se trata – fique bem claro - de uma operação plástica, que nos torne irreconhecíveis, ou de uma recomposição cosmética, através de uma reanimação do cadáver. Não. A “carne”

que aqui é objeto da ressurreição, aponta para este corpo frágil que somos, para esta realidade de “carne e osso”, pela qual nos relacionamos, e sem a qual o amor ao outro não teria rosto, nem olhos, nem mãos. Mas é também nesta mesma carne, que todo o ser humano experimenta os seus limites, as suas fraquezas, a doença, a dor e a própria morte. Professar a fé na Ressurreição desta “carne” é afirmar a confiança na expansão plena de todas as nossas possibilidades de relação; é esperar a total superação dos limites, que, por agora, o nosso corpo oferece ao desejo de plena comunhão com os outros e com Deus. Dizer que há *ressurreição da carne* é dizer que há *vida para além desta vida e desta morte*, que há uma vida maior, sem os limites da nossa fragilidade humana, na alegria da comunhão, com Cristo ressuscitado!

4. A fé na ressurreição não é, pois, mais uma teoria sobre a vida eterna. É uma esperança que se inaugura, na morte e ressurreição de Cristo. Também Ele, o Filho de Deus, desceu até nós, “em carne e osso” para nos levar e elevar com Ele, até chegarmos, por meio d’Ele, à *gloriosa liberdade dos filhos de Deus*. Nessa vida, absolutamente nova, eu próprio serei, como um anjo, transparência pura da luz e do amor de Deus, que então me toma e transforma inteiramente!

5. Irmãos e irmãs: estamos a iniciar a semana de oração pelos seminários diocesanos. O testemunho de fé na ressurreição, dado pelos jovens macabeus, mostra-nos que cabe, também hoje, aos mais jovens a tarefa de mostrar, em carne viva, que só Deus basta, só Ele nos dá a Vida! O **próprio celibato sacerdotal, hoje tão ridicularizado, devia ser entendido como um sinal profético desta vida futura “em que ninguém mais se casa ou é dado em casamento”**. Ali, sim, no céu, seremos todos, com Ele, e n’Ele, uma só carne, isto é, uma só vida, um só coração, uma só alma! “Esta é a nossa fé, esta é a fé da Igreja, que nos gloriamos de professar em Jesus Cristo, nosso Senhor”!

## Homilia na Missa com Catequese – XXIII Domingo Comum C 2013

1. Há quem diga que o mês de novembro é o *mês dos mortos*! Quando o dia 1 era feriado, muitas pessoas, nesse dia, passavam pelos cemitérios, para recordar os que partiram antes de nós. Mesmo sem feriado, nesse dia e no dia seguinte, muitos realizaram um gesto de carinho, com os seus familiares e amigos: acenderam uma vela, puseram uma flor, rezaram um pouco! Com esses gestos simples, os amigos dizem aos amigos: *“tu estás sempre vivo no meu coração”*. *“Eu não te esqueço”*. *“Tu não morres, porque te amo”*! Na verdade, *“amar alguém, é dizer-lhe «Tu não morrerás»”*. Se passarmos pelo cemitério veremos lápides, com frases semelhantes a estas. E, qualquer um de nós, tenho a certeza, se pudesse, restituiria a vida, a quem tanto amou e já partiu. Mas todos sabemos que este nosso grande *“amor”* é ainda assim muito pequenino e frágil; esta lembrança, esta saudade, não bastam, para não deixar morrer para sempre alguém, que partiu antes de nós. É preciso um amor mais forte do que a morte, para vencer a morte.

2. Jesus diz-nos que, para Deus, seu Pai, todos vivem! Só o Seu amor é mais forte do que a morte. O nosso Deus não é um Deus que vê os seus filhos morrer e vai ficando, cada vez mais, rodeado de mortos! Não. O nosso Deus não é um deus de mortos, mas um Deus de vivos, porque para ele todos vivem! Jesus diz-nos que o nosso Deus é amigo da vida e que dá vida aos seus amigos: não nos dá uma vida igual à que já temos, como quem prolonga a vida presente; não se trata menos ainda de uma vida de regresso ao passado. Não. A vida que Deus nos dá é uma vida nova, porque é uma vida transformada pelo Seu amor; é uma vida já sem dor, sem lamento. Esta é a vida futura dos filhos da ressurreição, dos filhos de Deus! Quem nos alcançou esta vitória da vida sobre a morte, foi Jesus, ao morrer como nós, para nos ressuscitar com Ele.

3. Mas, como assim? Como ressuscitam os mortos? São Paulo autoriza-nos a recorrer à imagem exemplar da semente e do seu fruto.

Apesar de uma aparência diferente, entre a semente e o fruto, trata-se de uma mesma realidade, que ali estava escondida, mas que, uma vez lançada à terra, se manifesta em toda a sua beleza (Col.3,3). Eis uma vida que não acaba, apenas se transforma! Mas ainda assim, reconhecemos, que há no *fruto* uma *novidade radical*, que não podíamos imaginar, quando a semente foi lançada à terra.

*Assim também acontece com a ressurreição dos mortos.* Graças ao poder de Deus, em dar vida, também a semente do nosso corpo, ganha, pela ressurreição, uma existência plena, nova! É algo de tão belo que já mais poderemos prever ou imaginar (cf. I Cor.15,42-44). Seremos como anjos, que refletem a luz de Deus!

5. (= *texto relativo ao credo*) É esta luz, que queremos acender, nestas 12 velas. Para nós, são velas da fé na ressurreição, velas da esperança na vida eterna, velas de um amor que não se extingue! Que a luz da fé não nos deixe tropeçar no desânimo e no desespero! Que a luz da fé mantenha acesa a nossa grande esperança na vida plena e eterna. Que a luz da fé nos dê esta certeza de que o amor de Deus é mais forte que a própria morte!

Professemos, então, a nossa fé na ressurreição, explorando, em 12 afirmações, o artigo 11º do Símbolo dos Apóstolos, que diz: “*creio na ressurreição dos mortos*”. A cada afirmação de fé, colocamos uma vela, poisada sobre o nome daqueles que já partiram antes de nós, marcados com o sinal da fé e com quem, e por quem queremos rezar nesta eucaristia.

1. Creio que, pelo batismo, já estou ressuscitado com Cristo!
2. Creio viver, um dia, em pleno, as coisas mais belas da vida de cada dia!
3. Creio que a história da minha vida se orienta para uma finalização feliz!
4. Creio no amor de Deus, mais forte do que a nossa morte!
5. Creio que ao partir, não é a morte que me vem buscar, mas é Deus que me vem chamar a si!
6. Creio que não morrerei para sempre, mas entrarei na Vida verdadeira!
7. Creio que, morrendo com Cristo, com Ele viverei, para sempre.
8. Creio que esta vida não acaba, apenas se transforma!
9. Creio que os limites do meu corpo frágil serão vencidos pelo amor divino.
10. Creio que, na ressurreição, serei inteiramente “eu” e inteiramente “outro”!
11. Creio na ressurreição, que é vida nova, e não mera repetição!
12. Creio na ressurreição, sem a qual a minha fé seria em vão!

## Homilia no XXXII Domingo do Tempo Comum C 2016

1. *Quem diz o que não deve, ouve o que não quer!* A história rocambolesca contada pelos saduceus era a história de uma paternidade sete vezes falhada, de uma vida não transmitida, que desembocara sempre na morte! Mas Jesus não brinca com a coisa mais séria da vida! A história que Jesus conta é outra: é a história da vida verdadeira de Deus, da vida transmitida, dada pelo Deus vivo, e Deus dos vivos, Paternidade nunca falhada, mas sempre realizada. Portanto, negar a ressurreição é negar a vida que vem de Deus, e equivaleria a negar a própria existência de Deus. Se Abraão, Isaac e Jacob estão vivos, não é pelo facto de terem desposado mulheres e gerado filhos, mas pelo facto de serem eles mesmos «filhos de Deus», e, por isso mesmo, e para sempre, recebedores da própria vida de Deus. Portanto, apesar destes patriarcas terem morrido, Deus continua a ser o seu Deus, o seu protetor, o seu amigo. A morte não pode destruir o amor e a fidelidade de Deus, para com eles. Já assim o pensavam e acreditavam os sete irmãos macabeus!

2. Mas a resposta de Jesus permite-nos dizer que a ressurreição não é, obviamente, a reanimação de um cadáver, ou o simples o *prolongamento do jogo* da vida presente. Há realmente uma diferença radical entre a nossa *vida terrestre* e essa vida plena, sustentada diretamente pelo amor de Deus, depois da morte. Essa vida é absolutamente «nova». É mesmo “outra” vida, vida plena, vida eterna, sem que deixe de ser a vida de cada pessoa, mas doravante sem os limites do tempo e do espaço, uma vida inteiramente transfigurada por Deus. Continuaremos, obviamente, a ser nós, esta pessoa que somos, envolta na teia dos laços que significam amor e amizade. Mas seremos nós mesmos, totalmente outros, porque inteiramente imersos e transformados pelo amor de Deus. Por isso, esta vida nova da ressurreição, podemos e devemos esperá-la com amor, mas não nos é possível descrevê-la ou explicá-la, como se fosse obra das nossas mãos.

3. A semelhança e a diferença, a continuidade e a novidade, entre a vida dos “filhos deste mundo” e a vida futura dos “filhos da ressurreição”, pode ser comparável àquela que se verifica na transformação da semente no seu próprio fruto! Neste sentido, o nosso corpo sepultado tem a sorte do Corpo de Jesus, qual “grão de trigo, que, uma vez lançado à terra, tem de morrer, para frutificar” (cf. Jo 12,23-24)! Tem de ser consumido, para se consumir! O crente sabe, que naquele cadáver, entregue à terra, se desenvolveu uma vida, que está chamada, não a desintegrar-se, como cinzas ao vento, ou a diluir-se, como cinzas deitadas ao mar; ou a fundir-se como pó, no seio da mãe natureza (cf. Instrução *Ad resurgendum cum Christo*, n.º 3). Na ressurreição, esta vida única e original dada a cada um, será plenamente realizada e finalizada, quando Deus for tudo em todos (cf. 1 Cor 15,28).

4. As primeiras gerações cristãs mantiveram essa atitude humilde e honesta diante do mistério da ressurreição e da «vida eterna». Paulo diz aos crentes de Corinto: «o que os (vossos) olhos não viram, os ouvidos não ouviram, o coração do homem não pressentiu, isso Deus preparou para aqueles que O amam» (1 Cor 2,7). Estas palavras servem-nos de sã advertência e de orientação gozosa. Por um lado, o céu é uma «novidade» que está para além de qualquer experiência terrestre, mas, por outro, é uma vida «preparada» por Deus, para o cumprimento pleno das nossas aspirações mais profundas! O que é próprio da fé não é satisfazer ingenuamente a curiosidade, mas alimentar o desejo, a expectativa e a esperança colocada em Deus «de que Ele nos ressuscitará» (2 Mac 7,14).

5. Iremos, de seguida, traduzir em 12 afirmações, o que significa a nossa fé na ressurreição. Procurai ouvir e meditar em cada frase, para que o Senhor vos console. E, nesta “feliz esperança, dirija os vossos corações para que amem a Deus e aguardem a Cristo, com perseverança” (2 Tes 2,16.3,5)!

## HOMILIA NO XXXII DOMINGO COMUM C 2010

1. Uma história antiga, que contada até ao fim, nos levaria até às lágrimas, do pranto e do encanto! Ela fala-nos de sete irmãos e uma mãe, para quem mais vale morrer uma vez, do que morrer de vez! Eles resistem firmes na fé, inabaláveis na esperança, mesmo sob a ameaça de tortura, por parte do poder invasor. Não vendem, por nada, a alma, da sua fé e da sua cultura, ao diabo, um malvado instalado no poder! E estão mesmo dispostos a dar a vida, fiéis ao Rei do Universo, para a alcançarem definitivamente, no Senhor, que dá a Vida. É uma história edificante, onde se desenha já uma clara esperança na ressurreição dos justos!

2. Nada que se pareça, obviamente, com a *“anedota”* da mulher, que dá cabo dos sete maridos, contada pelos saduceus, para ridicularizar a fé na ressurreição. Aliás, a fé na ressurreição não é hoje mais acolhida, do que há dois mil anos. Os gregos, reencontrados por São Paulo, não acreditavam nisso. E hoje não falta quem renuncie à fé na ressurreição, para se deixar enredar no ciclo imparável da reencarnação! Mas o que mais nos importa é que uma história rocambolesca como esta, dá oportunidade a Jesus, de esclarecer alguns pontos sobre a fé na Ressurreição. E o cerne do Seu ensinamento é a sua conclusão: *“Não é um Deus de mortos, mas de vivos, porque para Ele todos estão vivos”!*

3. Com lúcida paciência, Jesus lá nos vai dizendo, que a *“outra vida”*, a vida futura, não pode ser vista, como uma espécie de prolongamento do jogo da vida presente. É mesmo *“outra”* vida, vida radicalmente nova, vida plena, vida eterna, sem que deixe de ser a vida de cada pessoa, mas doravante sem o limite do tempo e do espaço, sem o peso da morte, numa vida transfigurada pelo amor. Continuaremos, obviamente, a ser nós, a mesma pessoa que éramos, envolta na teia dos laços que significaram amor e amizade. Mas seremos nós, totalmente outros, porque inteiramente imersos e transformados pelo amor de Deus. A semelhança e a diferença, ou a continuidade e

a novidade, entre a vida dos “filhos deste mundo” e a vida futura dos “filhos da Ressurreição”, pode ser comparável àquela que se verifica na transformação da semente no seu próprio fruto!

4. Ressurreição não será, portanto, *reanimação*, ressuscitação, revivificação, regresso ao passado. Ressurreição nunca será *reencarnação*, como se alguém pudesse apropriar-se do meu lugar ou eu voltasse simplesmente a ocupar o lugar do morto! Ressurreição é bem *mais do que a simples imortalidade da alma*, como se a felicidade tocasse apenas a uma parte de mim. Trata-se, sim e enfim, da *plenitude de uma existência pessoal inteiramente transfigurada* pelo amor de Deus. Na Ressurreição, trata-se da vida única e original de cada um, plenamente realizada e finalizada em Deus, *quando Deus for tudo em todos* (cf. 1 Cor 15,28)!

5. E o que é que mais importa daqui? É que a Ressurreição não é uma teoria, que se aceita. Ela implica um estilo de vida, que se assume. No Porto, o Papa deixou-nos um acertado desafio: “*É necessário que vos torneis comigo testemunhas da ressurreição de Jesus*»! Ele lembrava-nos, a este propósito, “a missão inadiável de cada um e da Igreja em oferecer ao mundo Cristo ressuscitado, para que todas as situações de definhamento e morte se transformem, pelo Espírito, em ocasiões de crescimento e vida”. Isto mesmo – dizia o Papa – “*fará de nós portadores de Jesus ressuscitado no mundo, levando-O para os diversos sectores da sociedade, irradiando aquela «vida em abundância*», que Ele nos conquistou com a sua cruz e ressurreição”! Façamo-lo, então, sem nada impor. Mas propondo, com ousadia!

Irmãos e irmãs: Estejamos sempre prontos a responder, a quem quer que seja, sobre a razão da esperança que há em nós» (1 Ped 3, 15)!

## Homilia no XXXII Domingo Comum C 2007

Um espanto de mulher! Não sei o que nela mais me encanta: se a sua fé inabalável na ressurreição, se a capacidade genial de a transmitir a sete filhos, ainda na flor da idade! Graças a ela, uma família inteira resiste, na fé e até à morte, ao poder colonial, de um rei estrangeiro e pagão. Que beleza de fé! Que audaz testemunho de ressurreição!

1. Começemos por admirar a **novidade desta fé na ressurreição**, dois séculos, quase, antes de Cristo (175-164), e não por acaso, uma fé professada, na primeira pessoa, **por uma mulher anónima**; uma fé testemunhada de viva voz, por uma mãe generosa! Sem dúvida, o génio feminino tem uma secreta cumplicidade com o mistério da vida; a mãe que dá à luz desvela esse mistério, pela chave íntima do Amor. Uma mãe pode intuir a promessa da vida eterna, precisamente, a partir do amor que nutre pelos filhos: um amor inconciliável com o absurdo de os ver morrer para sempre. A mãe sente e pressente que amar um filho, não é apenas chamá-lo à vida e criá-lo por amor; amá-lo é dizer-lhe, com a força do mesmo amor: *«tu não morrerás»*.

Disse há dias um médico oncologista pediátrico, numa entrevista a um jornal diário: *«a minha experiência pessoal e profissional revelou-me que quando tudo está a cair, quando o mundo vai ruir, a última pessoa a claudicar é a mãe! Talvez lhes esteja no código genético a defesa da cria até à morte. Vejo nas mães e nas mulheres, em geral, bravura, tempera, coragem, resistência às dificuldades»* (Armando Pinto, in Destak, 2.11.2010, 4).

Se é essa a força vital do seu amor materno, quanto maior não será o poder de Deus, que, no seu infinito amor, nos chamou à Vida?! Esta «mãe», que daria a própria vida, pela vida dos filhos, não tem dificuldade em compreender que o “Deus dos vivos”, se não os poupa à morte, por certo, chamá-los-á da morte para a vida: uma vida, que ela imaginava algo semelhante à do presente, mas com uma duração eterna e indefinida. Era aquela mesma vida, que ela daria, aos filhos, se pudesse. É essa a vida que ela espera ver os seus filhos receber como prémio das mãos de Deus.

2. Será Jesus, na novidade da sua Palavra e da sua “Ressurreição de entre os mortos”, a revelar-nos o sentido pleno deste mistério: a ressurreição diz respeito a todos e a cada um; a ressurreição não é a «reanimação» de um corpo morto, ou a «retoma» da vida de antigamente; e muito menos a «repetição» ou «prolongamento» de uma vida passada; a ressurreição é a graça dada a cada filho de Deus, de poder encontrar n’Ele uma “vida nova, plena e eterna”, uma vida que é me é tomada, para ser transformada e dada inteiramente nova, pelo poder vivificante desse Amor de Deus, mais forte do que a morte!

3. Mas resta ainda o outro aspecto não menos apaixonante daquela mulher: é a sua **capacidade de gerar os filhos para a fé**; é a sua espantosa arte de «transmitir» aos filhos o ânimo próprio da sua fé. Isto é tanto mais admirável, se pensarmos que a «moda da época», era o paganismo imposto e importado do império grego. Precisamente, num ambiente assim, tão hostil à piedade dos judeus, esta mãe consegue preservar os filhos da “perversidade e da maldade dos que não têm fé”; ela “guarda-os do contágio maligno” de uma cultura estranha e pagã! Ela cria nos filhos um sentido firme de “fidelidade” à Palavra dada e recebida, de “fidelidade” aos mandamentos da lei de Deus. Esta mãe

incute, desde a infância, nos seus filhos, uma “fidelidade amorosa e exemplar” à fé e à cultura do seu povo. É uma fé que passa, como o leite materno; que alimenta e contagia os filhos, tornando-os capazes de uma fé testemunhada na perseverança, na coragem e na alegria.

**4.** Este «contágio» atraente e irradiante da fé desta mãe, dá-nos muito que pensar, sobretudo quando olhamos para esta nossa assembleia! Tantas mães, quantos pais desacompanhados de seus filhos! Mesmo entre os casais “mais praticantes” são hoje pouquíssimos aqueles que conseguem manter os seus filhos jovens, na fidelidade à fé católica e apostólica.

Que segredo terá esta Mãe, a comunicar-nos, na difícil «transmissão» da fé? Eu creio que o testemunho final resume bem todo o percurso da sua vida crente: mesmo, correndo o risco de ver os seus filhos perder a vida, ela não hesita: Deus está primeiro e é o Senhor que dá a Vida! Este Deus não é apenas “o Deus da Vida”, mas o Deus «*da sua Vida*»! Se foi assim que pensou e reagiu, perante a ameaça do martírio, como não teria ela escrito, em belas páginas de amor, o diário da sua fé?!

Podemos supor: quantas vezes esta mãe “marcou” a diferença, lá, no seu meio e em sua casa, não pactuando com a facilidade e a banalidade?! Quantas vezes, esta mãe, terá firmado a sua «opção», por dar a Deus o primeiro lugar, entre alternativas, porventura mais aliciantes, de os filhos passar o tempo e noutra companhia?! Alguém estará a ver esta mãe judia ceder à tentação de dar “palha em vez de pão”, ou “circo” em vez de oração? Porventura esta mãe, teria a desfaçatez de desculpar as faltas dos filhos ao Templo, por alegada falta de

tempo?! Não estou a ver, um dia só que fosse, esta Mãe deixar de rezar e de invocar o Deus da sua vida, com os seus filhos e pelos seus filhos!

5. Estes sete filhos – vede bem – como os vossos, não deram a si mesmos a fé, como a si mesmos não deram a vida! Estes filhos, - como os vossos - não receberam a fé, apenas como uma herança, como, aliás, não receberam apenas como herança a própria vida! Foi no seio da família, em primeiro lugar, que experimentaram, quer a vida quer a fé, como um dom maravilhoso a acolher e a escolher livremente.

A família é, por isso, o lugar por excelência da transmissão e do crescimento da fé. Neste sentido, «a fé, transmitida pela família não é apenas uma mera herança cultural, mas uma acção contínua da graça de Deus, que nos chama. É verdade, que a fé é também um acto pessoal da liberdade humana, que pode ou não aderir a esse chamamento. Mas fique bem claro: ainda que ninguém possa responder, na fé, pelos outros, sem dúvida, que “os pais cristãos são chamados a dar um testemunho credível da sua fé e da sua esperança cristãs” (cf. Bento XVI, Homilia em Valência, 9 Julho 2006). O testemunho atraente e coerente, da fé da mãe e do pai, é absolutamente decisivo, na formação do carácter e no contágio da fé dos filhos!

De facto, não basta dar “pão e educação” aos filhos. É preciso dar «Deus», por uma fé viva, aos filhos. *«Quem não dá Deus, dá sempre demasiado pouco»* (B. Teresa de Calcutá). Pais que transmitem aos filhos a fé, «dão sempre mais, muito mais»! Com a fé, os pais dão aos filhos, a mais preciosa herança, que uma vida humana pode receber: a certeza de nascer, de viver e de crescer, de morrer e nascer de novo, por um simples milagre de amor!

## Homilia no XXXII Domingo C - Rádio Renascença 2004

### 1. *A morte, pela hora da morte!*

Um jornal diário nacional, na sua edição de terça-feira, dia de fiéis defuntos, fazia referência à tradicional romagem aos cemitérios, habitualmente precipitada para a véspera, no dia de todos os santos. E registava, à porta do cemitério, o desabafo de uma florista, que via o seu negócio em baixa, porque – segundo ela - a «*tradição já não é o que era*» e, como as pessoas, tinha os seus dias contados. No cemitério já não se passeia gente nova!

A jornalista entrou, viu e confirmou o que tinha ouvido, mas sem ignorar uma excepção, que desde logo saltava à vista. Lá estava também um jovem *de 19 anos*, ao que lhe parecera, um pouco arrastado pela dor da mãe, mas presença bastante significativa, para ao menos honrar e desculpar a sua geração. Interrogado, ele diz que todo aquele ritual é simplesmente uma forma de “*matar saudades, mas nada que não possa fazer sem vir aqui*”, confessa.

Seria interessante, prolongar a reportagem, colher algumas lágrimas, ouvir desabafos, perscrutar o segredo de algumas orações. E averiguar os muitos e contraditórios *sentidos e convicções* de quem ali vai, de rostos e mãos carregados... Desse modo, poderíamos descodificar melhor *os sinais* e saber se as flores e as velas, servem à celebração e à promessa da vida, ou se ali estão mais para aliviar a dor ou exorcizar o medo da morte!

2. Quanto a nós, talvez fosse interessante cruzar esta notícia breve com a *primeira leitura* deste domingo.

E deste modo ler na exceção do gesto daquele jovem uma réstia de fé e nos sinais de dor e de amor daquela *mãe*, quiçá um aceno de esperança na *ressurreição*.

De facto, na Sagrada Escritura, é de uma mulher, que ouvimos, pela primeira vez, em Israel, falar-se «à *boca cheia*» de *ressurreição*. E desta feita, é também exemplar o testemunho de um jovem seu filho. No cúmulo da sua resistência, diz palavras, que são um belíssimo hino de esperança na *ressurreição*: «*Vale a pena morrermos às mãos dos homens, quando temos a esperança em Deus, de que Ele nos ressuscitará*» (II Mac.7,14). Em nome desta fé e desta esperança, eles preferem morrer a perder a vida. Porque – para eles - agora ou depois, viver sem Deus é estar morto. E a vida é um dom que vale precisamente por ser eterno. Deus, *o Rei do Universo* (II Mac.7,9) não pode deixar morrer para sempre os que por Ele dão a vida. Ele, que os chamou, num primeiro amor à vida, voltará a chamá-los da morte, para a vida eterna!

**3.** Jesus confirma esta fé na *ressurreição* e dirá mais tarde aos que lhe perguntam sobre a *triste sorte* dos mortos, que “*o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob não é um deus de mortos mas de vivos, porque para Ele todos vivem*” (Mc.12,27; Lc.20,38).

Jesus lá lhes vai dizendo, que a “*outra vida*”, a vida futura, é mesmo “*outra*”, radicalmente nova, plena, eterna, sem que deixe de ser “*vida*”, a vida de cada pessoa, mas agora sem o limite do tempo e do espaço, sem o peso da morte.

*Ressurreição*, não será portanto *reanimação*, regresso ao passado da vida de cada um. *Ressurreição*, menos seria uma *reencarnação*, como se alguém pudesse apropriar-se do meu lugar. *Ressurreição*, ainda assim, é bem *mais do que a simples imortalidade da alma*, como se a felicidade tocasse apenas a uma parte de mim. Trata-se, sim e enfim, da *plenitude de uma existência pessoal inteiramente transfigurada*. Na *Ressurreição*, trata-se da vida única de cada um plenamente

realizada em Deus, ou de Deus inteiramente, na vida de cada um... *quando Deus for tudo em todos* (cf. 1 Cor 15,28).

4. Mas como assim? Como ressuscitam os mortos? São Paulo autoriza-nos a recorrer à imagem exemplar da semente e do seu fruto. Entre a semente e o fruto há uma *afinidade e uma continuidade* no longo processo da vida. Lançada à terra, uma determinada semente morre, para se transformar, num *esperado* fruto. Apesar de uma aparência e de uma forma diferentes, entre a semente e o fruto, trata-se da *vida de uma mesma realidade*, que ali estava escondida, mas que agora se manifesta em toda a sua beleza (Col.3,3). Uma vida que não acaba, apenas se transforma!

Mas ainda assim, reconhecemos, que há no *fruto* (na sua forma e existência) uma *novidade radical*, surpreendente, que era de todo imprevisível, inimaginável, quando a semente foi lançada à terra.

*Assim também acontece com a ressurreição dos mortos.* Graças ao poder vivificador de Deus, também a semente do nosso corpo, que guarda escondido o mistério da vida de cada um, adquire, pela ressurreição, uma existência plena, nova, cuja manifestação já mais poderemos prever ou imaginar” (cf. I Cor.15,42-44).

5. São sempre imagens, que usamos quando intentamos descrever este «*como*» da nossa ressurreição. Mas a palavra definitiva da Ressurreição foi-nos dita e feita numa experiência real, que teve um *nome, um rosto, uma vida, uma história*: Jesus de Nazaré, o Crucificado, que Deus ressuscitou da morte e de entre os mortos! É o mesmo. E todavia parece-nos e aparece-nos como Outro.

6. Mais do que discutir o como da ressurreição, importa que a *Ressurreição* e a vida eterna, que professamos na fé, dêem um horizonte eterno à nossa peregrinação.

Que a nossa vida seja programada, não como se estivesse condenada à morte. Mas seja pensada e vivida, numa perspectiva de eternidade.

Só nessa esperança, terá sentido sacrificar, no presente, o nosso corpo e a nossa vida, pela causa de Deus ou por causa dos homens. Viver, cada dia, na perspectiva da ressurreição é simplesmente estar pronto *a dar e a perder a vida, pelos outros*, para a receber nova e inteira das mãos de Deus!

## Homilia no XXXII Domingo Comum C 2001

1. Um grupo de jovens, como manda a Lei! Sete irmãos e a mãe resistem com força de ânimo e até à morte, para manter firme a fidelidade ao seu Deus, à sua fé, à sua religião, às suas raízes, aos seus valores e à sua cultura. Enfrentam o poder do império grego, que os alicia para uma vida boémia e pagã e os afronta com práticas contrárias ao espírito da lei e costumes judaicos. Judas Macabeu lidera a resistência. É uma resistência pacífica e não uma espécie de revolta *taliban*. Estes jovens estão prontos a dar a vida e não a tirá-la. Morrem, precisamente para não matarem. Não morrem para se desferrarem. A sua morte não representa, por isso, um acto de vingança sobre o inimigo, nem um gesto de orgulho da raça ou da religião. É, pelo contrário, um acto de perdão total aos seus agressores, e de plena confiança em Deus, Senhor da Vida. Eis porque não são suicidas que desprezam o dom da vida. São, antes, mártires, que testemunham a fé na Ressurreição. Estes sete irmãos e a mãe reconhecem assim que, de facto, *receberam do Céu a vida presente*. E, por isso, não desejam a morte. Mas, por outro lado, este **dom só tem valor se for eterno**, se viver na dependência amorosa do Criador, na fidelidade à sua aliança, na comunhão de vida com Ele. **A vida não se resume a existir em carne e osso e nas melhores condições. Ela não vale a pena ser vivida, de qualquer modo e a qualquer preço.** Porque **viver sem Deus é já estar morto**. E morrer às mãos dos Homens, por amor à verdade, é **ressuscitar desde já para a vida**.

2. Não posso deixar de admirar que esta resistência a valores tão estranhos à sua cultura, que esta coragem de testemunho fiel da fé na Ressurreição, que esta disposição da vida, em nome da Vida que realmente dura e perdura, seja testemunhada precisamente por um grupo de jovens. **Eles preferem morrer a perder a vida**. E manifestam **uma esperança que não cabe na medida rasa da nossa pouca fé e muito menos na cartilha de uma certa cultura juvenil**.

3. A atmosfera e o ambiente deste tempo, carregados de estímulos hedonistas (da curtidão e do prazer) faz com que os jovens vivam mais dominados pelos afectos do que pela entrega, sejam mais levados pelas emoções do que pelas opções, mais moldados pelas opiniões do que modelados pelas convicções, mais movidos pelos interesses do que conduzidos pelos ideais. A este quadro não será também alheio o modo e o estilo de viver a fé. A fé dos nossos jovens é, em muitas ocasiões, por arrasto, uma fé "*light*", sem exigência, de razão e de compromisso. E a própria vida é muito mais uma realização de aspirações, que brotam de cada pessoa, do que um apelo interpelador de Jesus, que convida a partilhar o seu projecto e que transforma os planos espontâneos em sérias aventuras.

4. Nesta Semana de Oração pelos Seminários Diocesanos, que sentido terá falar-se de dar a vida, se a vida é assim uma coisa tem que se ganhar, a qualquer preço e que **vale enquanto dura e não enquanto perdura**? Que sentido tem falar-se de celibato, como sinal da vida nova e antecipação da futura vida da ressurreição, se não se espera nem se acredita que, no fim, ficará apenas o Amor, «em que os filhos de Deus *«não se casam nem se dão em casamento»*? Neste contexto, o ambiente pagão em que vivemos é uma espécie de **arma química** a envenenar o ar que respiramos, a minar e a contaminar os valores espirituais e evangélicos que recebemos, tornando os nossos jovens pouco sensíveis, se não mesmo alheios, às inquietações vocacionais. Isto de ser padre, por exemplo, não constitui, hoje, uma possibilidade real dentro das perspectivas da maior parte dos nossos jovens, tão pouco é uma proposta a considerar.

5. Mas ainda assim mantemos a confiança de que, no terreno, há ainda quem não venda a sua vida a saldo e esteja disposto a dá-la generosamente. Será que o terreno está infértil? É óbvio que não. Deus é fiel. E em muitos adolescentes e jovens existe, sem dúvida, uma boa terra que espera que lhe seja lançada a semente da Vocação.

Procurai, queridos jovens, ser no meio deste mundo, «às escuras», sem fé e sem esperança, sentinelas da manhã, que trazem a luz do primeiro amor.

**Que o Senhor dirija os vossos corações para que amem a Deus e aguardem a Cristo, com perseverança» até ao dia em que na verdade já não poderemos morrer!**

## Homilia no XXXII Domingo do Tempo Comum Ano C 1998

1. Demasiado colados ao momento que passa, com mil tarefas em mão, e sôfregos do prazer que da vida se escoia! É assim que vivemos o nosso rico tempo. Entretidos, não nos dá para olharmos o que vem adiante, para divisarmos um futuro imprevisível. E, se nos falam da outra vida, do além, reagimos com enfado, como se fora impertinência, ou pomos a ridículo, como cenário incrível.

2. A Palavra de Deus não nos deixa meter a *cabeça na areia*, como se a questão da morte não fosse afinal o grande problema da nossa Vida. Remete-nos, sim, para a meta última e faz-nos olhar para o que sucederá no fim de uma carreira, cuja duração desconhecemos. É um exercício útil e sempre urgente, este de olhar mais alto e mais além, tanto mais quanto mais sedutora é a tentação de reduzir a perspectiva da nossa vida a um instante de prazer, para logo nos agarrarmos apenas ao imediato.

3. Desaparecido o cenário deste mundo, inaugura-se assim uma nova vida, povoada de mistério. Para nós, os crentes, será vida em plenitude, porque repleta do Amor de Deus que tudo abarca. **Sem sabermos como, sabemos que dessa Vida eterna, estará ausente todo o luto e toda a dor e não mais se sentirá a limitação da carne que nos pesava e era frágil.** Continuaremos a ser nós, a pessoa que éramos, envolta na teia dos laços que significaram amor e amizade, rica de gratas experiências, feliz por toda a boa obra que em nós amadurou. Mas **límpida e pura, de toda a desgraça e imperfeição, será a nova condição.** Porque então seremos nós, mas seremos *outros*,

criaturas novas. Seremos os mesmos, mas diferentes, porque possuídos inteiramente pela força do amor divino.

4. Esta é a Fé que professamos. *Fé na Ressurreição dos mortos*. A Ressurreição é o testemunho da fidelidade de Deus, que não podia deixar morrer para sempre os que por ele deram a Vida. A Ressurreição é testemunhada por nós também na fidelidade aos valores eternos e no desapego às ridicularias deste mundo. Mais do que uma verdade teórica que se professa, a fé na Ressurreição é **um estilo de vida que se testemunha**. Uma fidelidade que compromete. Se em muitos lugares se pede uma fidelidade de coragem, como a dos Macabeus, que vai até ao martírio, entre nós pede-se uma fidelidade de paciência ou de resistência, para continuar a propagar a mensagem de Jesus num ambiente adverso e perverso, numa cultura paganizada que perdeu o sentido de Deus, que se governa pela sua cabeça, que se funda sobre si própria, e, que, por isso, se afunda no desespero. **Acreditar na Ressurreição é viver desde já na perspectiva da eternidade**, não adormecendo o nosso amor pelo mundo e ao próximo, mas despertando o nosso compromisso por um mundo melhor e por um homem novo.

5. Queremos olhar a meta e pensar que o destino do Homem é a vida e não a morte. Acreditar que nos espera um Deus que o «é de vivos e não de mortos». Em Jesus Cristo, Deus fez saber, em definitivo, que vive e faz viver, que vence a morte e dela resgata para sempre os Seus amigos. "*Mereça eu, Senhor, contemplar a Vossa face e, ao despertar, saciar-me com a Vossa glória*"... (Sal.16,15b)

## Homilia no XXXII Domingo do Tempo Comum C 1995

**1.** Quem pergunta, merece uma resposta! Mas aquela dos saduceus, parecia mais anedota do que inquietação. Mesmo assim, Jesus aproveita a má fé daquela gente, para dizer o essencial sobre um assunto tão difícil: a ressurreição. Deixando o ridículo para quem quis ter graça... Pois esta é matéria de primeira importância: sabermos se vivemos voltados para a morte ou se morremos voltados para a Vida!

**2.** A Palavra de Deus não nos deixa meter a *cabeça na areia*, como se a questão da morte não fosse afinal o grande problema da nossa Vida. E com três palavras apenas Jesus nos faz entrar no mistério da Ressurreição.

**2.1.** Desaparecido o cenário deste mundo, inaugura-se assim uma nova vida, rica de mistério. Para nós, os crentes, será vida em plenitude, vida em abundância, vida no seu máximo de alegria e amor, porque vida repleta do Amor de Deus que tudo abarca e abraça. Sem sabermos como - nem isso interessa para nada - o que sabemos é que dessa Vida eterna, estará ausente todo o luto e toda a dor e não mais se sentirá a limitação da carne que nos pesava e era frágil. A Vida eterna não é um lugar, nem uma «paz d'alma». É estar com Cristo, no coração de Deus Pai, atraídos, movidos, animados e preenchidos pelo mesmo Amor que une o Pai e o Filho. O Espírito Santo.

**2.2.** Continuaremos a ser nós, a pessoa que éramos, envolta na teia dos laços que significaram amor e amizade, rica de gratas experiências, feliz por toda a boa obra que em nós amadureceu. Não seremos uma alma a vaguear perdida no espaço... mas seremos nós, com o melhor de nós mesmos. Nós no nosso melhor!

**2.3.** Mas límpida e pura, de toda a desgraça e imperfeição, será a nova condição. Porque então seremos nós, mas seremos *outros*, criaturas novas. Seremos os mesmos, mas *diferentes*, porque possuídos inteiramente pela força do amor divino. «*O amor é o único futuro que Deus nos deu*»... (Jean Valjean).

**3.** Mais do que uma verdade teórica que se professa, **a fé na Ressurreição é um estilo de vida que se testemunha.**

Uma fidelidade que compromete. Se em muitos lugares se pede uma fidelidade de coragem, como a dos Macabeus, que vai até ao martírio, entre nós pede-se uma fidelidade de paciência ou de resistência, para continuar a propagar e a viver a mensagem de Jesus num ambiente adverso e perverso, numa cultura paganizada que perdeu o sentido de Deus, que se governa pela sua cabeça, que se funda sobre si própria, e, que, por isso, se afunda no desespero.

A fé na Ressurreição não nos deixa prender a lógicas de vida que dão a impressão de que havemos de ter tudo neste mundo e alcançá-lo a todo o custo. Como se não esperássemos mais nada...

Acreditar na Ressurreição é viver desde já na perspectiva da eternidade, não adormecendo, por isso, o nosso amor pelo mundo e ao próximo, mas despertando o nosso compromisso por um mundo melhor e por um homem novo.

## Homilia no XXXII Domingo Comum C 1992

Triste figura a dos saduceus. Enterraram a esperança do futuro, para iludir o seu presente. Bem na vida, homens do sucesso, não lhes convinha mesmo esperar mais nada. Porque, segundo eles, a justiça de Deus já lhes tinha sido feita em vida, com bolsos cheios, dez reis de saúde e a reforma garantida.

A ideia da Ressurreição parecia-lhes uma ilusão consoladora para os pobres, à espera da sua hora. Talvez o sonho de uma promessa feita a gente que precisava de acreditar nalguma coisa... Vai daí que tiram da cartola um caso, mais útil para um bom filme de ficção do que para um debate com interesse. E uma vez mais é bem triste a figura dos que se atrevem a falar do futuro último do Homem, como se a eternidade fosse uma versão retocada do tempo presente, sem lugar para a novidade nem para a surpresa. Como se depois tudo fosse como agora. Como se o fragmento não desse lugar à plenitude, como se ao tempo não sucedesse a eternidade e o espaço não desse lugar à comunhão.

Eu dou-me a pensar se não andaremos também nós com confusões semelhantes a estas, como se a ressurreição fosse mais uma vaga ilusão para enganar a dor da morte ou uma promessa necessária para suportar o desencanto da vida presente. A Palavra de Deus não nos admite uma imagem definida e exacta do nosso futuro, é bem certo que nos abre à esperança de uma vida inteiramente nova. A vida da Ressurreição. E quais os contornos desta vida?

1. Trata-se da plenitude de uma vida em parte já oferecida como dom, já vivida como graça, já concluída em esperança. Não se trata da simples imortalidade de uma alma perdida não sei por que esferas celestes. Mas sim da existência transfigurada do homem todo, corpo e alma, espírito e vida, na inteireza do seu ser...

2. Esta Ressurreição é um acto criador do amor de Deus, que nos ama e nos chamou à Vida. Esse Deus dos Vivos, acolhe a nossa existência, agora liberta de todas as amarras, para a preencher da sua abundância, de toda a plenitude. Livre dos limites do espaço, da carne e do tempo, o Homem mergulha livre no mistério de Deus, por Ele é abraçado num supremo encontro sem barreiras, numa perfeita comunhão sem limites.

3. Sem pretender dizer o indizível, a certeza e a experiência da Ressurreição não nos vem de nenhuma visão imaginária do futuro. Vem-nos de uma experiência sempre presente de um passado sempre vivo: a Ressurreição de Cristo. E esta esperança encarnada em Jesus Cristo, longe de nos alienar do tempo presente, faz-nos caminhar sem desfalecer. Sabendo que **nunca o presente oferecerá em pleno o que esperamos, lutamos e empenhamo-nos na construção da cidade futura**. A nossa esperança na Ressurreição não nos retira a força da mudança. Pelo contrário, dá-nos a energia para construir um mundo novo. A fé na ressurreição é necessária, não para adormecer o desejo da justiça, mas para o despertar. Não para que o homem se resigne, mas para que viva e morra por valores e causas que dignificam a vida humana. A única que não morre com a morte. Como vimos pelo testemunho de sete jovens. Certos do encontro com a Vida, não temeram entregar as suas vidas pela fidelidade a Deus.

Nesta Semana dos Seminários Diocesanos, o testemunho destes jovens traz-nos o apelo a uma vida orientada por valores que verdadeiramente preencham e saciem o coração humano. Não uma vida sacrificada à meta obstinada do sucesso, calculada em função do imediato. Há que viver pelo único critério capaz de dignificar o homem: o Amor. Ser Padre é também ser sinal do que está para vir, sinal da promessa, anúncio do futuro, testemunha da Ressurreição...

## XXXII Domingo Comum C 1992

### 1. Diante do futuro!

A questão do futuro último da Vida do Homem é sem dúvida a questão essencial que mais nos fascina e atrai. Mas é também uma interrogação de resposta difícil. Porque quem faz esta pergunta e quem lhe responde, é alguém que vive aqui e agora, homem ou mulher de carne e osso, sujeito ao fluir do tempo e apenas pessoa enquanto alguém que vive e convive com os outros. Pensar o futuro é sempre um risco. Porque o pintamos da cor do tempo, do mundo, do corpo e da história em que vivemos. Custa-me muito abeirar-me do além. Porque os meus pés pisam o chão ainda, porque o meu coração bate ao ritmo deste corpo frágil, neste tempo fugitivo. Se explico muito bem, direis que até parece que já estive do outro lado. E não estive, de facto. Se explico pouco, direis que fui vago, pouco claro e que ficastes a saber o mesmo. É por isso que diante do futuro, e mais concretamente, da ressurreição, deixo de lado as explicações para me abrir convosco à contemplação humilde do mistério da nossa Vida, presente e futura.

### 2. Respostas que (não) respondem!

Se calhar alguns de vós teríeis respostas rápidas e fáceis, aprendidas de cor no velho catecismo. Há quem diga que o corpo desce à Terra e a alma sobe ao Céu. Desculpai mas não aceito acreditar numa eternidade na qual só a alma perdurasse, enquanto o corpo humano era atirado à terra como farrapo velho. Logo esse corpo, pelo qual eu vivi, amei e senti os outros. Afinal é o meu corpo que me torna possível comunicar com os outros. Porque havia de ter fim este corpo, que me disseram ser imagem e habitação de Deus, enquanto ficam cá os rios e os diamantes, as catedrais e os arranha-céus... que nada valem! Não. Não posso crer! E isso da “alma”, diz-me pouco. Preferia falar da Vida, vida plena, amor pleno, comunhão absoluta. É claro

que também não estou à espera de dar vida ao meu pobre cadáver. Esse fica lá bem donde veio. Na terra. Mas o corpo é mais que a Carne. É a pessoa enquanto pessoa que se comunica e se dá, se oferece e se entrega, se exprime e manifesta. Esse sim! Há-de ressuscitar. Não deixarei eu de ser eu! Serei mais eu para os outros, maximamente comunicativo e dado, capaz de amar e ser amado em plenitude. Isso sim. Agora, almas a voar, com todo o respeito, não. Cadáveres reanimados. Também não! Viram o ridículo a que se expuseram os saduceus com aquela pergunta da mulher com sete maridos na vida eterna. Lá está! Querer ver o futuro com os olhos do presente! Não perceberam que na história dos vários maridos estava a preocupação de estar vivo a descendência. E ouviram, pelo contrário, a coragem destemida dos célebres macabeus que se entregavam à morte absolutamente confiados na Ressurreição. Nem Jesus, no evangelho. Mas acreditavam no Deus da Vida. Estavam confiantes de que Deus não podia deixar morrer para sempre os que por Ele entregaram a sua própria Vida. Deus é fiel e justo. Dele nos veio a Vida. É n'Ele que vivemos, nos movemos e existimos. Destes homens ousados e de uma mãe, mulher do povo sai um testemunho que é um autêntico testamento, uma profissão de fé na Ressurreição. Não fora a Vida plena em que acreditavam e seriam os mais infelizes dos Homens. Direis talvez que continuariam vivos na memória do Povo. O que é bem pouco para um desejo tão grande de viver.

### **3. A resposta de Jesus!**

Só a Palavra, a Vida e a Morte, a Ressurreição e a Vinda última de Jesus nos podem responder à questão do futuro. Para já, Jesus, no diálogo com os saduceus afirma a Ressurreição. Fala da condição do Homem ressuscitado, como alguém a quem os laços da vida presente, nada significam. Gostaríamos, talvez, que nos explicasse o como de tudo isto. Não o fez. Não o perceberíamos se no-lo dissesse. Permanece o mistério. Diante d'Ele abre-nos à esperança.

Sabemos que é uma vida nova, plena... no amor. Faz-nos avançar no caminho da fé com a firmeza da esperança. Uma esperança alicerçada no presente e orientada para o futuro. É por causa desta esperança que a Vida não é uma Paixão inútil. É para a Vida plena, eterna e definitiva, que Deus nos chama. Cristo Ressuscitou. Com Ele, a morte perdeu o combate. Triunfou a Vida. E não me perguntem mais nada. Acreditem na Ressurreição. Porque ressuscitamos com Cristo, levamos uma vida nova!... E assim mereceremos alcançar aquela vida que em nós Ele começou! Amar alguém é dizer-lhe “tu não morrerás”!

## Para Deus, todos estão vivos!

«Naquele tempo, aproximaram-se de Jesus alguns saduceus – que negam a ressurreição – e fizeram-lhe a seguinte pergunta: "Mestre, Moisés deixou-nos escrito: 'Se morrer a alguém um irmão, que deixe mulher, mas sem filhos, esse homem deve casar com a viúva, para dar descendência a seu irmão'. Ora havia sete irmãos. O primeiro casou-se e morreu sem filhos. O segundo e depois o terceiro desposaram a viúva; e o mesmo sucedeu aos sete, que morreram e não deixaram filhos. Por fim, morreu também a mulher. De qual destes será ela esposa na ressurreição, uma vez que os sete a tiveram por mulher?".

Disse-lhes Jesus: "Os filhos deste mundo casam-se e dão-se em casamento. Mas aqueles que forem dignos de tomar parte na vida futura e na ressurreição dos mortos, nem se casam nem se dão em casamento. Na verdade, já não podem morrer, pois são como os Anjos, e, porque nasceram da ressurreição, são filhos de Deus. E que os mortos ressuscitam, até Moisés o deu a entender no episódio da sarça ardente, quando chama ao Senhor 'o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacob'. Não é um Deus de mortos, mas de vivos, porque para Ele todos estão vivos".» *(Lucas 20, 27-38, Evangelho do 32.º Domingo do Tempo Comum)*

Ao tempo de Jesus, a fé na ressurreição era recente, não sendo ainda partilhada por todos os judeus. Os fariseus acreditavam nela firmemente; para eles era evidente que o Deus da vida não abandonaria os seus fiéis à morte. Mas podia ser-se um bom judeu sem crer na ressurreição da carne. Era o caso dos saduceus. Para justificar a sua recusa na ressurreição, tentavam demonstrar que tal crença conduzia a situações ridículas. A sua lógica era imparável: uma mulher não pode ter sete maridos ao mesmo tempo - estamos de acordo; se se crê na ressurreição, diziam a Jesus, o inaceitável passa a inevitável: ela teve sete maridos sucessivos, que morreram uns após outros; mas se todos ressuscitarem, já se sabe o que vai acontecer!

O erro desta argumentação, responderá Jesus, consiste em procurar a fé nos nossos raciocínios. Já Isaías o tinha afirmado há muito: os pensamentos de Deus não são os nossos, e os seus caminhos não são os nossos (cf. Is 55,8). Jesus, pelo contrário, apoia a sua fé unicamente sobre a Escritura: de cada vez que uma

pergunta lhe é colocada, ele procura a resposta na Escritura. Desde a narrativa das tentações no deserto, no início da sua missão, até à conversa com os discípulos de Emaús, após a ressurreição, a sua única referência é a Escritura. É a partir dela que ele abre a inteligência dos seus ouvintes. Bem disse ele ao tentador: nem só de pão vive o homem, mas da palavra de Deus. Aqui, ele diz algo semelhante: não alimenteis a vossa fé de raciocínios e discussões, mas da Palavra de Deus.

Referindo-se à Escritura, Jesus retoma-a a partir das palavras de Moisés, aliás, como os seus interlocutores. Os saduceus começam por dizer: «Moisés deu-nos uma lei». Mas eles servem-se da Escritura para provar as convicções que trazem de trás. Utilizam a Escritura mas não se aprendem dela; citam-na em vez de a sondar. Jesus, ao contrário, procura na Escritura a revelação que ela nos traz sobre Deus.

Moisés diz: na sarça ardente (Êxodo 3) Deus revelou-se como o Deus dos nossos pais, Deus de Abraão, Deus de Isaac, Deus de Jacob; Deus não pode ser um Deus temporário. A morte não ameaça as promessas que ele dirigiu aos Patriarcas e aos seus descendentes. A sua Aliança atravessa a morte. Ele firma com cada um de nós, e nós todos em conjunto, um laço de amor que nada pode destruir. Para lá da morte, como diz S. João, seremos semelhantes a ele (1 Jo). Por agora, o que nós seremos ainda não aparece claramente... Mas depois seremos à sua imagem.

Outro erro dos saduceus é falarem da vida após a morte como se ela fosse a continuação desta vida que nos foi dada. A resposta de Jesus mostra bem, pelo contrário, que haverá uma rutura completa entre a nossa existência atual e a existência de ressuscitados. Os filhos deste mundo casam-se; mas não os ressuscitados. Estes não serão anjos (leiamos bem o texto), mas «como os anjos», isto é, têm algo em comum com eles, que é, precisamente, não poderem morrer. A morte deixou de ter qualquer poder sobre eles. Então eles são «filhos de Deus», quer dizer, viverão da vida de Deus.

Na pergunta a Jesus, os saduceus ligaram o casamento à reprodução: se esta mulher casou com todos os irmãos, é porque não pôde ser mãe. Jesus diz-lhes: a vossa questão deixou de ter objeto; no mundo que há de vir tudo é diferente:

deixará de haver morte e reprodução. Os saduceus tinham esquecido que o casamento é também, e antes de tudo, uma questão de amor. Os nossos amores humanos, desta terra, não podem morrer: eles são a imagem de Deus, são o que em nós existe à imagem de Deus; eles atravessam a morte; nós os reencontraremos transfigurados na outra margem.

Marie-Noëlle Thabut

*In Conferência Episcopal Francesa*

## CRISTO VIVE

Devemos gritar nas praças e a partir dos terraços “Não se morre mais”! E se não o gritarmos, limitando-nos a propor uma ética de boa vida, não podemos então queixar-nos de que já não há crentes! ~

Acreditar na vida eterna, significa, no entanto, acreditar que a vida eterna é já aqui, agora. E que como tal deve ser vivida, e desfrutada.

Neste sentido, estou muito assustado com uma cada vez maior conceção *funcionalista* da vida, pela qual, se não funcionar, deita-se fora. Fiquei aterrorizado ao ver nos Países Baixos a extensão da prática da eutanásia até aos doentes psicológicos. Isto também é o resultado da ideologia consumista penetrante: uma vez, se a tua televisão avariasse, levá-la ao reparador, e os sapatos ao sapateiro; hoje deita-se fora. E querem fazer o mesmo com a vida, se esta não 'funcionar', se se tornar um fardo para a sociedade, deitam-na fora. O mesmo se aplica ao início da vida: preocupa-me ouvir no Parlamento Europeu aqueles que reclamam o estatuto de um direito "fundamental" ao aborto, porque se é um direito fundamental então é um direito absoluto e por isso já não se admite uma objeção de consciência. Isto também é absurdo. Lembremo-nos sempre que a vida, mesmo que limitada, é bela".

Cardeal Hollerich,

Entrevista ao L'Osservatore Romano